

A CIDADE DE *EL ALTO* E OS FLUXOS DE BOLIVIANOS PARA SÃO PAULO

*Iara Rolnik Xavier**

A migração de bolivianos para São Paulo constitui hoje um fenômeno caracterizador da cena migratória na metrópole. Mesmo tendo se mostrado um movimento consolidado, nos instiga a uma série de questões, a maioria em aberto, sobre sua natureza e desenvolvimento. Dentre os aspectos ainda pouco explorados estão os nexos entre os locais de origem e destino dos migrantes bolivianos, as relações de circularidade e as razões das decisões prévias aos processos de migração. Todos esses aspectos só são investigáveis com o apoio de estudos de campo nas regiões emissoras de migrantes, e a escassez desse tipo de estudo no Brasil explica as várias lacunas no conhecimento desses fenômenos.

Até este momento, não existem estudos conclusivos sobre os locais de emissão de migrantes da Bolívia ao Brasil, mas algumas hipóteses podem ser traçadas. Alguns trabalhos mostram que a maior parte dos bolivianos que se dirige a São Paulo é proveniente do departamento de La Paz (Silva, 2008); trazemos aqui a hipótese de que provavelmente esse fluxo tem uma

significativa participação dos que são oriundos especificamente do município de El Alto. A hipótese é construída a partir do diagnóstico de El Alto como o principal “reservatório populacional” do departamento de La Paz, agregando funções de centro de atração de migrantes internos na Bolívia e centro de redistribuição de migrantes, muitos dos quais ao Brasil.

Entrevistas feitas com bolivianos residentes em São Paulo indicam que o vínculo entre El Alto e a cidade paulistana é forte: em uma das entrevistas, não só a origem do próprio entrevistado era o município de El Alto, como parte dos empregados deste boliviano, dono de uma pequena oficina de costura, também tinha origem na cidade altenha. A cidade é sempre citada nas entrevistas como local de origem da migração para São Paulo.

A partir da descrição da dinâmica demográfica e do crescimento urbano da cidade de El Alto, na Bolívia, esse texto pretende estabelecer algumas conexões entre o papel migratório deste município no contexto das migrações internas no país e nos fluxos de bolivianos para São Paulo. Entendendo que existe uma relação entre esses dois fenômenos, o texto

segue três linhas principais de análise: (i) O crescimento da cidade de El Alto e sua relação com a capital homônima do departamento de La Paz; (ii) o papel de El Alto na redistribuição interna da população boliviana (e sua função de “reservatório populacional”); (iii) a Bolívia como país de forte e histórica migração, sendo atualmente também um país de emigração (entre cujos destinos encontra-se o Brasil) e a hipótese da participação de El Alto nesse processo de expulsão populacional.

O artigo¹ sistematiza algumas questões que surgiram de trabalhos exploratórios na Bolívia e em São Paulo, realizados em 2008, e traça hipóteses que surgiram desse trabalho, que estão aqui colocadas a título de inquietações, que deverão ser desenvolvidas em futuras pesquisas.

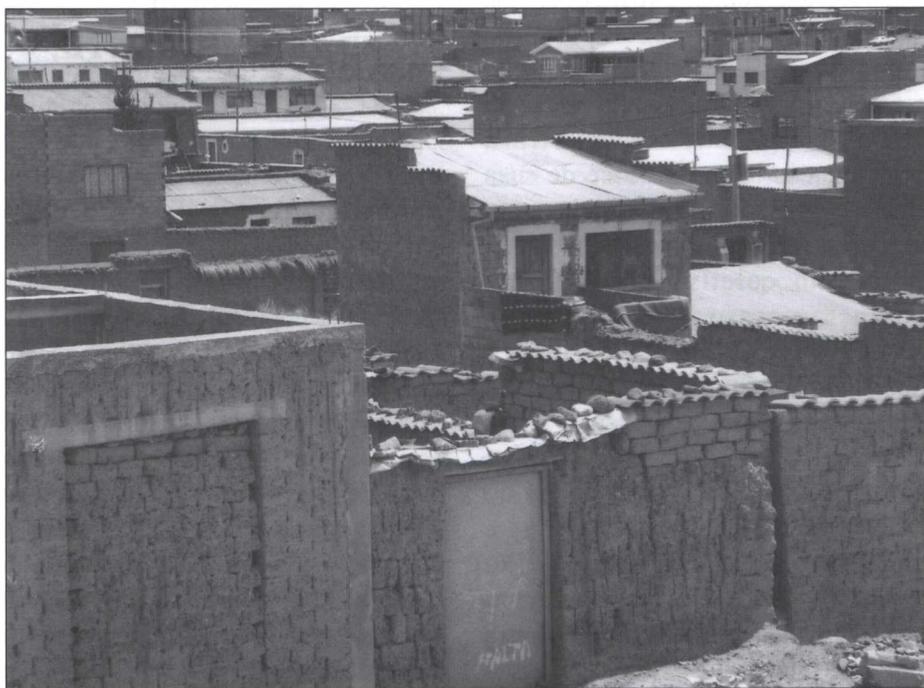
EL ALTO, CIDADE EXTENSIVA SOBRE LA PAZ

Do alto de 4.100 metros de altura, a cidade boliviana de El Alto recebe o nome que faz jus a sua posição em relação à cidade de La Paz (está no



Vista panorâmica da cidade de El Alto

Foto: Sylvain Souchaud



Casas de adobe

Foto: Iara Rolnik Xavier

alto do vale estreito e fundo – entre 3.800 e 3.200 metros – onde se localiza a capital do país). Até o final da década de 1980, El Alto era principalmente uma cidade-satélite de La Paz, ou seja, um bairro periférico que cresceu em função da cidade principal. A relação

que estabelece com a cidade-sede é, no entanto, bastante específica: a cidade forma-se numa continuidade urbana com La Paz, porém no local privilegiado de conexão natural da cidade com o altiplano, ou seja, com o exterior. Isso faz com que, apesar de

“satélite”, o município tenha uma prevalência geográfica em relação à cidade principal.

Com uma população de 649.958 pessoas em 2001 (INE, 2001), sendo projetados quase um milhão de habitantes para 2009 (INE, 2007), a cidade espalha-se por 153 km² de uma urbanização extensiva e homogênea, em que à primeira vista não são identificáveis centralidades ou referenciais. Encontra-se localizada em meio ao altiplano boliviano “um planalto de altitude onde reside a maior parte da população da Bolívia. A baixa densidade de 4.227 habitantes/km², refletida no espalhamento das construções da cidade, contribui para uma sensação de homogeneidade que se completa com a horizontalidade das casas e o fato de que é possível andar por um bom tempo em uma rua alenha sem encontrar pessoa caminhando ou portão aberto. Se nas partes mais centrais e consolidadas da cidade prevalecem as casas de alvenaria sem revestimento, em geral a paisagem é da cor bege do tijolo de adobe. O azul brilhante de janelas chama a atenção como um dos únicos detalhes vistosos nas construções, que nos remete, por instantes, à idéia de conforto urbano.

Iniciados ao redor da pista do aeroporto (que servia e ainda serve La Paz) e de instalações ferroviárias, os primeiros loteamentos no local começam a surgir na década de 1950, pós Reforma Agrária, a partir da divisão de grandes propriedades em lotes menores não urbanizados. Em 1962, El Alto tinha cerca de 10 mil habitantes, distribuídos em seis “villas”, ou “urbanizações dispersas” sem serviços, sem critério urbanístico, sem articulação urbana (Quintana, 2004:10). Com o crescimento populacional bastante acelerado, já na década de 1970 a cidade possuía 95 mil habitantes (INE, 2004). No entanto,

somente uma década mais tarde, em 1986, e sob uma “multitudinária guerra civil” (Flores *et al*:25), El Alto se torna um município independente e autônomo. Para Rafael Quintana, essa divisão administrativa, no entanto, apenas reforçou uma separação territorial clara entre El Alto e La Paz (como acontece muitas vezes), divididas pela altura entre o vale e o altiplano em meio a Cordilheira dos Andes.

De 1992 a 2001 a cidade passou de 405 mil para 647 mil habitantes sendo, juntamente com Santa Cruz de La Sierra, a cidade que mais cresceu nesse período (um crescimento de 5% ao ano entre os censos de 1992 e 2001, INE, 2003:50). Hoje El Alto – que não é capital e não possui qualquer tipo de estatuto regional ou nacional – possui 7.86% da população boliviana em seu território. Em termos de população, a cidade altenha só está atrás das cidades bolivianas de Santa Cruz (1.135.526 habitantes)² e La Paz (793.293 pessoas). No entanto, de acordo com projeções populacionais, El Alto já deixou para trás a capital do departamento e sede do governo boliviano, que cresceu apenas 1.1% entre 1992 e 2001 (INE 2004).

Atualmente, trata-se de um município quase que exclusivamente urbano (99.6% da população vivia em território urbano em 2001) que chama a atenção pela dimensão e extensão da fragilidade urbana e da pobreza: a sensação é de uma pobreza uniformemente distribuída. É composto por oito distritos que possuem características distintas no tamanho, acesso a serviços, infra-estrutura, qualidade de vida, tipo de produção, origem cultural, etc., sendo presente a divisão, em termos de desenvolvimento, entre as zonas norte e sul do município, separadas pelo aeroporto. Mesmo diante dessa separação, não há em

nenhum dos distritos uma homogeneidade em relação aos indicadores de saúde, educação e emprego entre outros, o que faz com que em nenhum deles possa existir a “necessária correlação e simbiose entre dois diferentes elementos que compõe o desenvolvimento” (Durán *et al*, 2007:p.12, tradução livre). Existem, portanto, poucos distritos ligeiramente mais consolidados³, que não chegam a constituir uma centralidade regional (pelo menos aos moldes da maioria das cidades bolivianas).

El Alto, que é muitas vezes descrita na literatura como “cidade-problema” ou “cidade em emergência” da Bolívia (Quintana, 2004), possui distritos cuja qualidade de vida, em termos de acesso a equipamentos públicos, é pior do que a da zona rural boliviana, bastante empobrecida. Somente 48 nascimentos de cada 100, por exemplo, são atendidos por médicos e em um estabelecimento de saúde (Flores *et al*, 2007). Pouquíssimos habitantes têm a segurança jurídica da posse de suas casas e somente 63,4% delas têm sanitários (que quando existem muitas vezes são coletivos), e 34,92% possuem acesso à água potável (Durán *et al*, 2007). Esses fatores juntos fazem com que, de cada 100 casas, só 45 sejam adequadas⁴ (Idem, 2007).

Oitenta por cento das casas do município são auto-construídas à margem da dotação estatal e do mercado imobiliário, ao longo de muitos anos, contando com a ajuda financeira familiar (Durán *et al*, 2007). De maneira geral, podemos ver dois padrões de construção na cidade: as casas de apenas um piso, feitas de adobe, que parecem ser reminiscências das construções tradicionais rurais (Souchaud e Martin, 2007); e as habitações de mais de um andar (em geral dois ou três), de alvenaria e sem

acabamento. Este segundo padrão também guarda relações com o rural e tradicional, mas faz a ponte com os padrões urbanos. Se pensarmos que as regiões do município guardam muito das características e traços dos locais de origem dos migrantes que ali habitam – adiante veremos a importância desta população na conformação da cidade –, vemos que isso ocorre também em função de que muitos habitantes de El Alto mantêm laços com os espaços de onde migraram (Mazurek, 2007). Esse fator também influencia a segregação social e espacial dos novos habitantes da cidade que se localizam em sua periferia “constituindo anéis de alta vulnerabilidade” (Mazurek, 2008).

EL ALTO, CIDADE-MIGRANTE, CIDADE-AIMARÁ

Mas qual a razão para tamanho crescimento demográfico? El Alto é hoje a cidade em que a população migrante possui o maior peso no conjunto da população total (do próprio município): 38.77% de sua população, ou seja, 246.267 pessoas que vivem na cidade nasceram em outro lugar, fora do município. Depois de Santa Cruz de La Sierra, em termos absolutos, o município é o segundo na Bolívia com maior número de imigrantes em todo o país. El Alto nasceu e cresce com os migrantes: todos os anos chegam ali cerca de 30 mil pessoas (Flores *et al*: 24). Esse peso da migração no aumento da população parece seguir a mesma tendência que a do país como um todo: na Bolívia, a população urbana cresce em função, sobretudo, dos fluxos migratórios e reclassificação⁵ (INE, 2004) sendo menos presente o acréscimo populacional nas

idades por crescimento vegetativo. No entanto, é importante ressaltar que a taxa de fecundidade no país ainda é bastante alta (4,2 filhos por mulher em 2000), uma das maiores da América do Sul, dividindo o páreo apenas com o Paraguai, com 4,3 filhos por mulher (Population Reference Bureau, 2000).

Seguindo a lógica da proximidade ou relação cultural que constitui hoje uma das bases da questão migratória na Bolívia (Mazurek, 2007), as pessoas que chegam a El Alto são provenientes, principalmente, das áreas de influência direta da cidade, ou seja, dos territórios rurais do departamento de La Paz: 80% dos migrantes vêm de localidades próximas a cidade, principalmente do altiplano norte e do sul do departamento (como das que vivem ao redor do lago Titicaca ao norte e oeste), mas também de espaços tropicais como Los Yungas (Flores *et al.*, 2007). Também existe um importante movimento com origem na cidade de La Paz: a cada ano, 2.500 habitantes desta cidade vão viver em El Alto (Garfias y Mazurek, 2005:39 *apud* Flores), em parte incentivados por programas estatais de habitação. Isso mostra a capacidade de atração do município e revela que, mesmo tendo recebido um enorme contingente rural, o crescimento da cidade está longe de ser um fenômeno exclusivamente “campesino” (Quintana, 2004:12).

Devemos considerar, além disso, que o peso da população rural no município se deve em parte à composição do dado de migração – baseado no lugar de nascimento dos habitantes – que pode esconder sequências ou correntes migratórias: se não soubermos olhar esse dado, confundimos os migrantes de datas e momentos passados com os migrantes do presente. No caso de um país cada vez menos rural e mais urbano essa

separação é essencial. Além disso, o dado não nos permite captar algumas das etapas migratórias, o que pode esconder, caso houver, a passagem dos migrantes por outras cidades antes de chegar a El Alto, o que indicaria uma origem urbana da migração.

Para entender esse caso de El Alto tomemos como exemplo a lógica migratória que vem estruturando a cidade fronteiriça de Yacuiba no sul da Bolívia (Idem, 2007) que parece indicar uma tendência comum. Neste caso, o êxodo rural rumo às cidades mais próximas é cada vez mais acompanhado por um segundo movimento, de desconcentração populacional nas grandes cidades, que passam a ter um papel redistribuidor dessa população para dentro e fora das fronteiras nacionais. O papel de Yacuiba, cidade mediana que nutre seu crescimento com os extremos (campos vizinhos pouco densos e grandes cidades distantes) (Souchaud e Martin, 2007), revela esse fato. Isso acontece por meio de um esquema sequencial no tempo (em função, entre muitos aspectos, da maior taxa de urbanização do país) e de um fenômeno que associa a “concentração da origem dos emigrantes em alguns pólos urbanos maiores do país e dispersão deste arquipélago no conjunto da nação boliviana” (Souchaud e Martin, 2007:78, tradução livre).

Para Garfias e Mazurek (*apud* Flores 2007:21), a significativa migração de camponeses do altiplano norte foi consequência da devastação agrícola por secas e inundações provocada pelo ‘fenômeno El Niño’, em 1982. As migrações em direção a El Alto também são fruto da crise econômica e da demissão massiva de trabalhadores das minas de estanho localizadas nos departamentos *altiplânicos* de Oruro, La Paz, mas,

sobretudo, Potosí entre 1986 e 1987. A crise nas minas fez com que fosse realocado um contingente de 23 mil mineiros (aos quais devemos acrescentar suas famílias) demitidos da Comibol, Corporação Mineira Boliviana (Andrea e Martin, 2007).

A origem desses migrantes é bastante determinante para a história e as atuais configurações sociais e territoriais do município. Em primeiro lugar, os espaços de origem da migração para El Alto são territórios de predomínio da etnia aimará, o que contribui para a conformação de uma forte identidade indígena no território altenho ligada a esta etnia, já que 75% de seus habitantes declaram a identificação com esse povo originário (INE, 2003). El Alto parece ser, sobretudo, uma cidade articuladora de um “sentido de pertencimento coletivo aimará” (Flores *et al.*: 32). Além disso, a tradição mineira tem uma influência expressiva no caráter sindicalista do município através da manutenção de um discurso de recuperação dos recursos minerais / naturais bolivianos.

Essa confluência de uma presente e dominante identidade indígena, ligada à experiência do sindicalismo mineiro, a uma história de privações de serviços básicos, à localização geográfica do município que “cerca” La Paz, fez com que El Alto se consolidasse como uma cidade de intensa tradição contestatária. Para Germán Guaygua, “Estas características contribuíram para definir as estruturas de mobilização social de seus habitantes das quais se podem distinguir dois componentes: uma estrutura de bairro e de grêmios para a rebelião e marcos de construção do discurso de mobilização baseados na identidade indígena, do que resulta uma cultura política que combina elementos do sindicalismo e formas tradicionais de

organização territorial-política. Esta é uma das explicações para a alta disciplina e gigantesca capacidade de mobilização dos altenhos na “guerra do gás”, em outubro de 2003” (Guaygua, s/d: 3, tradução livre). Nesse sentido, em termos de cultura e efervescência social, El Alto é um município bastante rico e presente na cena política boliviana atual, tendo ocupado um lugar central em muitas das disputas políticas nas quais o país esteve envolvido.

AS MIGRAÇÕES NA BOLÍVIA

A questão migratória boliviana não é, de maneira alguma, um fenômeno recente. Segundo Mazurek (2007:1), “Mobilidade e migração são ancestrais e fundamentais atributos da dinâmica populacional na Bolívia. Tem suas raízes no período pré-hispânico relacionados com a necessidade de diversificação e trocas produtivas” (tradução livre). Para Hinojosa (2008), “a permanente mobilidade e utilização de diferentes espaços geográficos e pisos ecológicos”, parte da cultura boliviana, não pode ser comparada a “estratégias de sobrevivência modernas”, pois constituem “um *habitus*, (...) uma prática associada a uma cosmovisão particular, de um saber de vida que permitia uma melhor e mais sustentável utilização dos recursos naturais; não para a ‘sobrevivência’ da família, senão para a vida e reprodução de toda uma comunidade/sociedade” (Hinojosa, 2008:78, tradução livre).

Arelada a essa tradição, os movimentos migratórios no país possuem algumas particularidades que desencadeiam processos importantes no que se refere aos padrões migratórios internos e internacionais do país. Hoje, segundo Mazurek (2007) as

migrações bolivianas seguem três elementos principais: as migrações de proximidade; os fluxos mais importantes acontecem entre e para as cidades (princípio de gravidade) e a atração é definida por bases culturais que independem, de maneira geral, da importância econômica dos lugares de destino. Para Mazurek (2007), os fluxos rurais de longa distância são menos importantes. Em relação aos fluxos de longa distância em direção a grandes cidades, o autor acredita que existam migrações “por estágio” de zonas rurais para cidades mais próximas e, em seguida, para grandes cidades ou zonas de colonização como as regiões de Chapare, Yungas e a zona de expansão da soja ou as áreas de produção de hidrocarbonetos (Chaco, Tarija).

Esses elementos guardam relação com outra particularidade das migrações bolivianas que é a prática da multiresidência, ou seja, é comum que famílias se desloquem de um lugar a outro sem que a relação com o lugar de origem seja quebrada: em muitos casos há manutenção da residência original, voltada à agricultura, por exemplo, mesmo tendo sido feito o movimento em direção à cidade. Para Quintana (2004) “as funções urbanas para o desenvolvimento rural constituem uma das principais atividades de transformação, crescimento e geração de emprego no interior de El Alto e sua região imediata” (p.67). Esse fato, como vimos, tem uma influência importante na maneira como a cidade de El Alto se reproduz em conexão com as tradições rurais dos locais de onde saem grande parte dos migrantes que se localizam no município e evoca a questão da durabilidade e do caráter definitivo/temporário dos movimentos migratórios que envolvem a cidade.

A CONCENTRAÇÃO E A REDISTRIBUIÇÃO POPULACIONAL

Desde meados da década de 1980, época da grande crise econômica do país, a migração de bolivianos para outros países tem sido também um traço forte das movimentações da Bolívia. Para alguns autores (Mazurek, 2007) esses fluxos podem ser divididos entre migrações de caráter definitivo para países como Estados Unidos ou Espanha e migração “sazonal” para os países vizinhos como Argentina (destino mais tradicional) e Chile, aos quais se inclui o Brasil e, particularmente a cidade de São Paulo. Em 2006, 33,4% dos migrantes da Espanha eram latino-americanos e, desse contingente, os bolivianos constituem a maior parte: neste ano foram calculados cerca de 70 mil bolivianos vivendo no país (Vidal, 2008).

Embora esses fluxos tenham uma importância aparentemente crescente, a migração interna⁶ no país é historicamente estruturante para a sociedade boliviana. Talvez seja mais propício relacionar esses dois movimentos como aponta Mazurek (2007), que acredita que os fluxos que transpõem as fronteiras nacionais da Bolívia podem ser considerados ampliações das estratégias de oportunidade no ciclo familiar que compõe a mobilidade interna no país.

Quando dispõe de recursos, o altenho investe em sua moradia compondo misturas arquitetônicas diversas, com influências de padrões bastante distantes do contexto cultural da cidade, como coberturas de telhados tipo suíça, apropriados para a neve num estilo que em nada lembraria uma cidade pobre da América Latina. Guaygua (entrevista realizada em

2008) associa tais referências à migração internacional: a maior parte dos recursos para o incremento da moradia viria de remessas provenientes de trabalho fora do país, dando lugar ao que poderia ser denominada “arquitetura de remessas”, originando distinções intraterritoriais a partir de recursos e linguagens vindas de fora, representando riqueza e *status* adquiridos apenas mediante a emigração.

Grande parte das construções da cidade – tradicionais ou mistas – são “moradias produtivas” (Duran *et al*, 2007) que sustentam uma economia predominantemente informal e assentada no trabalho familiar, outra reminiscência da origem rural aimará que relaciona a produção e as relações de parentesco⁷. Micro-empresas familiares (com 1 a 4 trabalhadores) amparam a maior parte da produção altenha. De acordo com dados de Durán *et al* (2007) se juntarmos as categorias “fabricação de produtos têxteis” e “fabricação de prendas de vestir e tingimento de peles” (tradução livre) temos que 40% da produção industrial de El Alto está centrada na produção têxtil, baseada em pequenos estabelecimentos (onde é feita 90% da produção industrial geral da cidade).

Seguindo esse raciocínio, existiria então uma relação, por meio de El Alto, entre os fluxos internos na Bolívia e os que se dirigem para fora do país. Nesse sentido, ao centralizar hoje grande parte dos fluxos populacionais

internos ao país, El Alto, que não possui recursos para manter toda essa população em meio à tamanha precariedade e pobreza, vem se constituindo como uma espécie de “reservatório populacional”, função que colocaria a cidade, ao mesmo tempo, no papel de distribuidor de população para outros locais. Isso porque, a centralidade de El Alto no que se refere à migração, a mobilização cultural/política, etc., tem uma dupla implicação: é capaz de atrair um enorme contingente populacional, mas também influencia a saída de muitas pessoas do município. Sendo assim, coloca-se a possibilidade de se pensar na cidade de El Alto atuando na cena migratória boliviana em duas frentes: da atração e da expulsão populacional.

Essa atuação de El Alto pode ser observada no Quadro 1 que revela os volumes da migração a partir e para a cidade entre 1996 (cinco anos antes do Censo) e 2001 (data do Censo). Apesar de o saldo migratório ser positivo, os emigrantes representam cerca de 20% do total de migrantes, o que não pode ser considerada uma porcentagem baixa.

No que tange às causas para a emigração de El Alto, as más condições de vida da cidade, o desemprego, são, aparentemente, razões primordiais pelas quais as pessoas saem do município. No entanto, as próprias configurações social, territorial e política do município devem ser entendidas como fatores de expulsão

de população e conexão com outros espaços.

Pensando nas condições políticas do município, Quintana (2004) acredita que “os critérios de exclusão, confrontação, divisão, separação, etc., têm feito com que a relação entre vizinhos [de El Alto] seja de confrontação e exclusão. Por isso, El Alto não é uma cidade acolhedora. Os migrantes que se dirigem a El Alto ressentem sua falta de incorporação por muitos anos” (p.78, tradução livre). O mesmo autor acrescenta que as disputas políticas internas, ou o “calar de vozes discordantes e opiniões diferentes” que, segundo o autor, “não é suficiente causa para que uma família emigre, mas é um componente que somado a outros, está dando lugar a uma intencionalidade de mudança de residência” (p.47, tradução livre). A própria relação com os espaços de origem dos cidadãos, e manutenção da dupla residência também figuram importantes elementos para pensar a emigração de El Alto, uma vez que os migrantes podem acabar ocupando apenas uma das casas em determinados momentos.

Mas para onde estão indo esses migrantes? Com base nos estudos exploratórios na Bolívia (em El Alto e La Paz) e em São Paulo em dezembro de 2008, coloca-se aqui a hipótese de que parte desse contingente está se dirigindo ao Brasil e especificamente a São Paulo. Mas como estabelecer a conexão entre esses dois espaços?

Quadro 1

El Alto: indicadores de migração entre seções municipais da população de 5 anos ou mais de idade. Período de 1996-2001

Residência habitual 2001	Residência 5 anos antes 1996	Não migrante	Imigrante	Emigrante	Saldo Migratório
544.688	496.463	480.172	64.516	16.291	48.225

Fonte: INE (2004). *Estudio de la Migración Interna en Bolívia*, p.193.

Quais os indícios? Essa hipótese é baseada em algumas suposições sendo que a mais importante delas, como dito, é a atuação importante de El Alto no dispositivo migratório boliviano.

Outra suposição se baseia na idéia de substituição crescente dos fluxos que antes se dirigiam à Argentina e que passaram a ter o Brasil como destino em função da crise econômica pela qual o país tem passado nos últimos dez anos (Domenach, 2007). Em uma entrevista feita com uma família boliviana residente em São Paulo foi possível perceber que essa “transferência de destinos migratórios” não é necessariamente linear: já habitante de São Paulo, um entrevistado foi para Buenos Aires em 1993, na época do governo Collor no Brasil, tendo retornado a São Paulo com a implantação do Plano Real (1994). O entrevistado relatou que seus irmãos, também migrantes na capital paulista, fizeram a mesma “mudança de rota” em direção à Argentina, voltando mais tarde para terras brasileiras. A substituição de destinos também pode ser atribuída às políticas migratórias cada vez mais rígidas no continente europeu, aos riscos mais baixos para a migração, à maior reversibilidade das migrações de menores distâncias e à necessidade de menos recursos para a emigração regional.

Se pensarmos sobre o perfil econômico de El Alto e a clara especialização no ramo da costura e produção têxtil, também podemos traçar um paralelo, já que, em São Paulo, 42% dos ativos bolivianos recenseados na cidade em 2001, são operadores de máquinas de costura (IBGE, 2001). Esse dado pode representar uma especialização migratória voltada a um ramo específico de trabalho. As redes sociais que se criam a partir dessa conexão podem fornecer um caminho de análise

rumo à constatação da ligação migratória entre El Alto e São Paulo, embora essa análise isolada de outras indagações não seja suficiente para entender esse processo migratório.

As entrevistas realizadas em 2008 com pesquisadores de El Alto – sobretudo com o antropólogo Germán Guaygua e a assistente social Maria del Rosario Huarachi Vela, que desenvolvem pesquisas sobre a emigração dos altenhos – também indicam essa conexão, apontando, inclusive, distritos da cidade marcados pelos destinos migratórios, ou seja, espaços em que os migrantes se dirigem mais à Espanha, outros que se voltam à Argentina e, cada vez mais, ao Brasil.

Uma primeira questão relevante é a natureza desse fluxo: podemos sugerir que se trata de um movimento constituído por temporadas específicas compondo o que Mazurek (2007) denomina como “migrações sazonais” para países vizinhos (no caso Bolívia/Brasil)? Nesse sentido, seria mais plausível falar também em mobilidades e não somente migrações no sentido do caráter definitivo das mudanças de espaço? As respostas podem estar no tipo de envolvimento econômico dos migrantes na sociedade de destino e origem (como a produção de roupas que tem temporadas em que há mais e menos trabalho), na variabilidade dos destinos (“revezamento” entre Argentina e São Paulo), bem como no fato de que os imigrantes mantêm laços com os locais de origem.

Pensando no caráter distribuidor de população de El Alto, no sentido de que a cidade pode se constituir como uma etapa migratória da população que tem como destino final a cidade de São Paulo, temos que ponderar a respeito de uma possível origem rural desses imigrantes como relatada por alguns autores (ver Silva, 2008:22). Esse

questionamento parte da hipótese da centralidade de El Alto no que tange à migração rural-urbana com origem nas localidades que cercam a cidade e no fato de que a experiência acumulada nas cidades é relatada como um elemento central nos projetos migratórios (Domenach, 2007). Os bolivianos que se dirigem a São Paulo têm origem rural ou urbana? Ao que tudo indica, estamos nos referindo a um caso migratório de relação entre cidades o que tem uma influência direta na inserção desses imigrantes em São Paulo. Além disso, o fato de vir de El Alto produz alguma localização específica na cidade?

Outra questão a ser colocada é a importância da cultura aimará no entendimento da migração para o Brasil, dada a preponderância dessa cultura na população de El Alto. Considerando as relações de compadrio e parentesco (família estendida), por exemplo, que estruturam as atividades econômicas da cultura aimará, nos indagamos sobre a relação entre esse fluxo e o processo migratório: o movimento rumo a São Paulo é calcado em um projeto individual ou familiar/coletivo? Em que medida esse traço cultural reflete na maneira como essa migração se desenvolve na cidade? Muitas das relações entre empregador e empregado nas oficinas de São Paulo são também relações de compadrio e familiares, e essas redes são definidoras do destino da emigração, assim como de uma melhor ou pior inserção inicial do migrante no mercado de trabalho no local de destino.

Ainda é cedo para fechar conclusões e fornecer respostas. Mesmo assim, o papel de El Alto nas migrações de bolivianos para São Paulo parece indicar mais do que uma simples

relação de casualidade. Agregar conhecimento sobre as regiões de origem, ou “reservatórios populacionais”, pode nos oferecer chaves para qualificar e compreender os processos migratórios contemporâneos que se diferenciam claramente das ondas migratórias anteriores ao Brasil e a São Paulo.

*** Iara Rolnik Xavier é socióloga, mestranda em Demografia pelo Nepo/Unicamp, e estagiária do IRD (Institut de Recherche pour le Développement) da França.**

NOTAS

1 - Este texto só foi possível graças às contribuições de Sylvain Souchaud.

2 - Santa Cruz passou nos últimos anos por uma intensa transformação, passando de aldeia colonial à capital econômica da Bolívia tendo desenvolvido a agroindústria, as minas e os hidrocarbonetos (Domenach, 2007:22).

3 - Entre eles estão os bairros de Villa Dolores, Ciudad Satélite, 1º de Maio e Villa Adela, localizados em uma região mais central, logo abaixo do aeroporto.

4 - Por moradia adequada os autores entendem “as casas que contam com piso de *machihembre*, taco e/ou carpete de madeira; paredes de ladrilhos, concreto ou cimento; possui banheiro, água potável encanada dentro da casa e energia elétrica” (Durán *et al*, 2007:4).

5 - A reclassificação acontece quando uma população rural passa a ser urbana em função de que o território que ocupa passa a ser reclassificado administrativamente como urbano e não em função de que essas pessoas saíram da área rural em direção a alguma cidade.

6 - Segundo dados do CODEPO (2004) 2.505.964 pessoas (31,07% da população total) nascidas na Bolívia residem em um município diferente do que nasceram.

7 - Para saber mais ver: SPEDDING, Alison (2008). *Breve curso de parentesco*. La Paz: Mama Huaco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CODEPO

(2004) *Estudio de la Migración Interna en Bolivia*. La Paz.

D'ANDREA, Nicolas e MARTIN, Ceydric (2007). “La ciudad de Tarija: análisis de los factores de estabilidad del crecimiento demográfico”. In: DOMENACH, Hervé; CELTON, Dora; ARZE, Hugo; HAMELIN, Philippe. (Orgs.). *Movilidad y Procesos Migratorios en el Espacio de Frontera Argentino Boliviana*. Córdoba: CEA - UNC, p. 39-55.

DOMENACH, Hervé

(2007) “Espacio de frontera: análisis de los procesos migratorios”. In: DOMENACH, Hervé; CELTON, Dora; ARZE, Hugo; HAMELIN, Philippe. (Orgs.). *Movilidad y Procesos Migratorios en el Espacio de Frontera Argentino Boliviana*. Córdoba: CEA - UNC, pp. 39-55.

DURÁN, Jaime; ARIAS, Karen; RODRÍGUEZ, Marcelo

(2007) *Casa aunque en la punta del cerro: Vivienda y desarrollo de ciudad de El Alto*. La Paz: Fundación PIEB; UPEA; Centro de Promoción de la Mujer Gregoriana Apaza; Red HABITAT; Waina Tambo; CISTEM (Investigaciones Regionales El Alto; n.3).

FLORES, Jesús; HERBAS, Iblin; HUANCA, Francisca

(2007) *Mujeres y movimientos sociales en El Alto: Fronteras entre la participación política y la vida cotidiana*. La Paz: Fundación PIEB; UPEA; Centro de Promoción de la Mujer Gregoriana Apaza; Red HABITAT; Waina Tambo; CISTEM (Investigaciones Regionales El Alto; n.6).

GUAYGUA, Germán

(s/d) Encontrado em: http://www.pieb.com.bo/UserFiles/PDFs/Guaygua_jovenes_OK.pdf (acessado em abril de 2009).

HINOJOSA, Alfonso Gordonava

(2008) “Transnacionalismo y multipolaridad en los flujos migratorios de Bolivia. Familia, comunidad y nación en dinámicas globales”. In: GODARD, Henri e

SANDOVAL, Godofredo (orgs.). *Migración transnacional de los Andes a Europa y Estados Unidos*. Lima: Actes & Mémoires de l'Institut Français d'Études Andines, n.17.

IBGE

(2001) *Censo de População*.

INE

(2003) *Bolivia: Características Sociodemográficas de la Población*. La Paz.

INE

(2004) *El proceso de urbanización en Bolivia: 1992-2001*. La Paz, 3ª edición.

INE

(2007) *Anuario Estadístico*.

MAZUREK, Hubert

(2007) “Three pre-concepts regarding in the internal migration in Bolivia”. In: *Rev. Humanidades Ciencias Sociales*. (St. Cruz Sierra), vol.3, special edition.

MAZUREK, Hubert

(2008) “Componentes de la migración, impactos territoriales y políticas: un análisis crítico”. In: GODARD, Henri e SANDOVAL, Godofredo (orgs.). *Migración transnacional de los Andes a Europa y Estados Unidos*. Lima: Actes & Mémoires de l'Institut Français d'Études Andines, n. 17.

POPULATION REFERENCE BUREAU

(2000) *La juventud Del mundo*.

QUINTANA, Rafael Indaburu

(2004) *Evaluación de la ciudad de El Alto: La ciudad dividida*. La Paz: USAID.

SILVA, Sidney

(2008) “Fases da latinidade: hispano-americanos em São Paulo”. In: *Cadernos Nepo*, Campinas, n. 55.

SOUCHAUD, Sylvain e MARTIN, Ceydric

(2007). “Yacuiba: un isolate de la mundialización en el Chaco boliviano”. In: DOMENACH, Hervé; CELTON, Dora; ARZE, Hugo; HAMELIN, Philippe. (Orgs.). *Movilidad y Procesos Migratorios en el Espacio de Frontera Argentino Boliviana*. Córdoba: CEA - UNC; p. 55-95.

VIDAL, Marcelo de Oliveira

(2008) *Migração e remessas Espanha/Brasil: implicações, vantagens e desvantagens*. Caxambu: Anais do XVI Encontro de Estudos Populacionais, setembro-outubro.